



“O VERBO SE FEZ CARNE”: ENTRE ESPIRITUALIDADE E CORPOREIDADE

“The Word became Flesh”: between spirituality and corporeality

Pablo Fernando Dumer¹

Resumo

O presente artigo discute temas da Antropologia Teológica e o faz através da discussão entre corporeidade e espiritualidade. A partir do conceito evangélico da Encarnação do Verbo (João 1) põe em questão, através de uma hermenêutica feminista, o desenvolvimento teológico da rejeição do corpo, com suas implicações para as relações de gênero, e resgata, desde uma visão existencial (teológica, literária e artística), o lugar do corpo no discurso religioso e sua dimensão como categoria teológica. Para tanto, propõe a superação dos dualismos referentes a corpo e espírito, presente na teologia clássica e cultura brasileira, e, com isso, fomenta uma visão de ser humano em sua unidade completa.

Palavras-chave: Antropologia Teológica. Corporeidade. Espiritualidade.

Abstract

This article explores issues of Theological Anthropology and does so through the discussion between corporeality and spirituality. Based on the evangelical concept of the Incarnate Word (John 1) it calls into question - through the lens of feminist hermeneutics - the theological development of body's rejection as well as its implications for gender relations and sets anew, from an existential (theological, literary, artistic) view, the place of the body in religious discourse and its dimension as a theological category. To this end, it is proposed to overcome dualisms related to body and spirit present in classical theology and Brazilian culture thereby promoting a holistic view of human being.

Keywords: Theological Anthropology. Corporeality. Spirituality.

¹ O autor é mestrando na área de Teologia e História na Faculdades EST, São Leopoldo-RS, onde também é graduado em Teologia. Pesquisa Antropologia Teológica em Paul Tillich, sob orientação do Prof. Dr. Rudolf von Sinner. É bolsista CNPq. O presente artigo é fruto de instigações por ocasião do Seminário de Aprofundamento Teológico (SAT) em “Questões teológicas e eclesiais das políticas de justiça e igualdade de gênero”. (2014-II) sob orientação da Prof. Ma. Márcia Blasi. Contato: dumerluterano@gmail.com

Considerações Iniciais

Corpo e espírito, temas da Antropologia Teológica e pedras de tropeço. Visão dicotômica do ser humano, supervalorização de aspectos em detrimento de outros, do básico, do material. Objeto de crítica cética, empirista, mecanicista do ser humano. Ser corpo e espírito, ser um ser vivo, concreto, que existe, mas que transcende a vida, o concreto, a existência, que significa seu corpo, em todas suas ambiguidades é a contribuição que a Antropologia Teológica tem a dar ao ser humano contemporâneo. Não qualquer antropologia, não uma que historicamente contribuiu para dicotomias e dualismos, mas que supera tal construção histórica em busca de um ser humano completo, corpo e espírito, homem e mulher. Discutimos inicialmente o desenvolvimento histórico do lugar (ou do não-lugar) do corpo no pensamento teológico. A seguir, argumentamos por uma inversão de conceitos, falando em corporeidade do espírito e espiritualidade do corpo.

O Corpo – Identidade

Falar em corpo é sempre falar em identidade própria, falar sobre si mesmo. Falar em corpo é falar sobre saúde, sexualidade e vida, mas também sobre doença e morte. É um falar que se atenta à contradição que corpos são sujeitos, à própria ambiguidade da vida. Implica também falar sobre a violência a qual corpos são submetidos. Falar em corpo é sempre um falar sobre muitas coisas, falar sobre o meio, ao mesmo tempo em que é um falar pessoal: o corpo aponta para mim mesmo – eu sou um corpo!

No cristianismo, comumente, o corpo foi relegado a segundo plano e a importância foi reservada à alma, ao espírito. Salvação, nessa interpretação, foi entendida como salvação da alma. O corpo, por sua vez, foi entendido como pecaminoso; suas necessidades como inferiores, transitórias; seus prazeres como pecados.

Dentro de uma espiritualidade cristã que se impôs, o corpo é visto “como empecilho ao pleno desenvolvimento da vida espiritual”,² levando monges e monjas à mortificação da carne. Não apenas nos limites de conventos, mas também o povo foi inquirido, não só a voluntariamente exporem seus corpos ao suplício, como também a suportarem pacientemente o mal que o assolava (fome e pobreza, péssimas condições de

² RIBEIRO, Ana Gabriela Antunes. Poesia em carne, sangue e esperma: erotismo e religiosidade na lírica de Adélia Prado. In: *Estação Literária Vagão*, vol. 2, 2008, p. 106. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL2Art11.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

trabalho, o trabalho escravo com seus castigos físicos, violência doméstica) em nome de uma purificação da alma, o que era necessário à salvação. Tal visão do cristianismo tradicional sobre o corpo, veremos, não corresponde a sua visão original sobre o mesmo, muito embora isso tenha sido sufocado por interesses de poder no relacionamento do cristianismo com o corpo.

A visão dicotômica, que divide entre corpo e alma, hierarquicamente, em detrimento do que é corporal, carnal e material, foi influenciada pela filosofia grega, particularmente o platonismo. Esta visão antropológica não apenas influenciou a teologia e a moral cristã, como toda a cultura ocidental. O corpo, e o que lhe corresponde, foi reservado ao ambiente privado, enquanto o espaço público foi domínio da mente³. A dicotomia vai mais além e a mulher foi reduzida a um corpo e, portanto, encerrada no espaço doméstico, enquanto o macho mental teve por campo de atuação a política, o trabalho, a produção do saber.

Nem mesmo a crise da metafísica de tempos recentes, a partir da crítica religiosa e moral, obteve êxito em restaurar a unidade do ser humano. A ciência trata o corpo humano como uma máquina, fragmentado em partes⁴. Ser humano é dividido entre psicológico e fisiológico, exceto visões holísticas, ainda minoritárias e com pouca voz, e nessa divisão a mente, ou espírito, se sobrepõe ao corpo.

O ser humano moderno, em sua autocompreensão, possui uma visão ambígua. “Por um lado, há uma valorização excessiva e hedonista do corpo. Por outro lado, há um descuido com o bem-estar do corpo, especialmente o corpo alheio”⁵. Também a pessoa dicotomiza sua compreensão sobre si e ainda entende que possui um corpo ao invés de sê-lo. Tanto o hedonismo, quanto o ascetismo, parte de uma alienação entre si e o corpo.

Nenhum discurso sobre o corpo abarcará a sua complexidade e sua unidade enquanto não o assumirem para si. O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty destaca: “Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de

³ BERRES, Liane. Corporeidade – Mulher – Poder. In: PINTO, Raquel Pena; PIRES, Sandra Maira; WEILER, Lucia (Orgs.) *Teologia Feminista: tecendo fios de ternura e resistência*. Porto Alegre: ESTEF, 2008, p. 53.

⁴ BERRES, 2008, p. 53.

⁵ BERRES, 2008, p. 52.

conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele”⁶.

O corpo, como categoria da Antropologia Teológica, caso seja levado a sério, a partir de uma hermenêutica feminista, ou seja, de uma visão que compreenda que o corpo, principalmente o corpo da mulher, foi tratado com desprezo e negação, não poderá tratá-lo reduzidamente nem a objeto de estudo, em sentido analítico, nem a categoria estética, mas como ambas. “A experiência perceptiva do sujeito, sua autorreflexão, seu pensamento e sua imaginação estão profundamente ligados ao corpo”⁷. Além destes, o corpo, como categoria teológica, precisa ser refletido em seu caráter transcendente, e isso pressupõe certas inversões do pensamento clássico sobre transcendência.

O caráter transcendente, teológico e espiritual do corpo parte da exigência do ser humano sobre si mesmo, sua autossignificação, sobre sua liberdade, lugar e papel no mundo. O ser não se reduz a coisalidade da vida, portanto, o corpo não se permite a redução, ao tratamento objetivo. Ele “não está no tempo e no espaço, à semelhança dos demais objetos, mas habita o tempo e o espaço”, e, habita-o “conferindo-lhe sentido, significado existencial”⁸. A identidade do corpo é formada pela autopercepção e autocompreensão do mesmo.

Fundamentos de uma Espiritualidade do Corpo ou Corporeidade do Espírito

Escolhemos deixar claro no título que falamos sobre uma espiritualidade que supere dualismos e reducionismos. Não há espiritualidade do espírito, como também não há corporeidade do corpo. Não é o ser humano só espírito, nem mesmo só corpo. O ser humano forma uma unidade indivisível entre todas as suas dimensões.

Na época do anúncio do cristianismo no mundo antigo, encontrava-se difundida diversas opções de religiosidades de diferentes tonalidades. Entre elas encontrava-se o estoicismo, corrente filosófica de abnegação material e de forte apelo moral. Esta abnegação poderia chegar ao desapego da própria vida pelo suicídio. Entretanto, tratava-se

⁶ DOURADO, Wesley Adriano Martins; LAUAND, Jean. “Deuses no fogão” – o corpo na visão de mundo de Adélia Prado. *Convenit Internacional* 13, 2013, p. 71. Disponível em: <<http://hottopos.com/convenit13/55-78JeanWesley.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

⁷ DEIFELT, Wanda. O corpo em dor. Uma análise feminista da arte pictórica de Frida Kahlo. In: DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. *À flor da pele*. Ensaios sobre gênero e corporeidade. 2. ed. São Leopoldo: CEBI/EST/Sinodal, 2006, p. 26-27.

⁸ DOURADO; LAUAND, 2013, p. 71.

de uma filosofia aristocrática, de homens, servidos por escravos e mulheres, e que podiam, portanto, desligar-se das preocupações básicas, preocupações materiais, do corpo, como o que comer ou o que vestir.

Apesar de haver influenciado o cristianismo, não era essa a mensagem originalmente cristã. Na base do cristianismo estava a proclamação da ressurreição de um corpo concreto, Jesus Cristo. Dessa forma, o cristianismo “anunciava a transfiguração de nossos corpos mortais através da Páscoa de Cristo e da experiência do Espírito de Cristo”. Esta pregação serviu de alternativa ao estoicismo aristocrático⁹. Apresentava-se, contraposta ao estoicismo, em preocupação com corpos, suas ambiguidades e necessidades.

O cristianismo era, portanto, uma pregação sobre corpos, dirigida a corpos; nas palavras de Adélia Prado: “Meu pobre corpo é feito corpo de Deus”¹⁰. O Frei católico Luís Carlos Susin, reportando-se a Moltmann, nos lembra que Espírito, no sentido bíblico, não antagoniza corpo ou matéria, e sim morte¹¹. Portanto, não é a corporeidade, não é a vida que é rejeitada pela espiritualidade, pelo Espírito, mas é justamente aquilo que as ameaça. Podemos dizer, espiritualidade não é uma negação da corporeidade, mas sua afirmação significativa, transcendente.

Susin ainda lembra: “A primeira obra do Espírito não é propriamente ‘espiritualização’, mas ‘encarnação’, e somente assim também transfiguração da carne”¹². Nesta base falamos na relação direta e transversal de espiritualidade e corporeidade. Essa espiritualidade do corpo e corporeidade do espírito se dá de duas formas, que se exigem mutuamente e complementam-se, o que se pode chamar de cura ontológica, ou seja, a restauração de unidade do ser espiritual-corporal. Descrevemo-las.

Corporeidade do Espírito

A primeira forma é a aceitação do corpo por parte do espírito. Aqui, valemo-nos da dissertação de mestrado de Elton Tada sobre Clarice Lispector e Paul Tillich, onde o mesmo reflete paralelos entre *A Coragem de Ser*, de Tillich, e *A Via Crucis do Corpo*, de Lispector. Ele nos aponta como Lispector, através da ficção, alcança a representação do ser humano real

⁹ SUSIN, Luís Carlos. O corpo, o espírito e a pessoa: o que pode ainda a teologia feminista. In: PINTO, Raquel Pena; PIRES, Sandra Maira; WEILER, Lucia (Orgs.) *Teologia Feminista: tecendo fios de ternura e resistência*. Porto Alegre: ESTEF, 2008, p. 68.

¹⁰ DOURADO; LAUAND, 2013, p. 63.

¹¹ SUSIN, 2008, p. 69.

¹² SUSIN, 2008, p. 71.

“que existe e que é fadado a existir”, ou seja, “que é obrigado a carregar a cruz da existência”¹³. Encontrar-se com sua própria existência é ponto crucial de uma espiritualidade cristã e está baseada na própria cruz de Cristo.

Para encontrar esse ser humano real, Clarice precisa, segundo Yudith Rosenbaum, “despojar-se de possíveis defesas que nos afastem do contato com o real em sua vitalidade, prazeroso ou não”¹⁴. Como Tillich também aponta em *A Coragem de Ser*, a aceitação do inaceitável (que a angústia tornara inaceitável) faz parte da experiência da Coragem. Teologicamente, tal experiência é chamada de Justificação e Graça¹⁵. A coragem de ser é experiência inversa de escapismo ou fuga, é “reflexão sobre o ser humano a partir dele mesmo”¹⁶. Trata-se de um encontro do ser humano com ele mesmo – pelo encontro com o fundamento de todo sentido ontológico –, bem como pela consciência de participação com o todo¹⁷.

Espiritualidade do Corpo

A segunda forma é a aceitação do espírito por parte do corpo, isto significa, superação e transcendência da situação, da dor. Trata-se de restauração da unidade do *ser*. “A dor”, ou a angústia, na filosofia existencialista, “produz alienação, um vácuo existencial, uma ruptura com o mundo, levando à desintegração física, emocional e social”¹⁸. Em outras palavras, a dor conduz a estranhamento entre corpo e consciência, enquanto for inimizada.

O lidar de forma curativa com a própria angústia, fazer que, de uma situação de dor, nasça um processo de empoderamento, a significação da dor, da angústia é essa superação da qual falamos. Aquilo que é alienado pela dor precisa ser restaurado num processo, embora não isolado, autônomo. “A arte como expressão da dor na obra de Frida Kahlo”, no exemplo dado pela teóloga Wanda Deifelt, “supera o dualismo, a dicotomia sujeito e objeto, a distância entre a artista e a obra de arte”¹⁹.

¹³ TADA, Elton. *A Cruz do Corpo: Uma Proposta de Teologia da Literatura a partir de Paul Tillich e Clarice Lispector*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 93.

¹⁴ TADA, 2013, p. 40.

¹⁵ TILLICH, Paul. *A coragem de ser*: baseado nas conferências Terry pronunciadas na Yale University. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, p. 128.

¹⁶ TADA, 2013, p. 46.

¹⁷ TADA, 2013, p. 62.

¹⁸ DEIFELT, 2006, p. 28-29.

¹⁹ DEIFELT, 2006, p. 30.

O espírito é a capacidade interpretativa do ser humano, podemos dizer, artística. “A aceitação do espírito por parte do corpo se refere a uma afirmação de sua capacidade interpretativa (ao pintar o seu próprio corpo) e do olhar a partir da alteridade (o seu corpo é o outro que é ela mesma) supera o dualismo sujeito e objeto”²⁰. Assim, o milagre do Espírito de Cristo, como dito acima, é ressurreição, é transfiguração de corpos: a visão deles é transformada pelo seu resgate. Nasce uma nova antropologia. |

Considerações Finais

|A autonomia na restauração do ser não se dá num isolacionismo, mas em participação no milagre de Cristo: a superação dos dualismos, transfiguração de corpos. Desse milagre nasce uma nova antropologia, que passa a ser teológica pela elevação do ser humano ao milagre divino, ou do divino ao milagre humano.

Superação de dicotomias é um tema urgente em nosso contexto, e uma responsabilidade teológica. Não se pode manter uma Antropologia Teológica que justifique a fragmentação do ser humano como máquina de trabalho e consumo, seja pela negação do corpo ou pela negação do espírito. Nesse sentido, falar em espiritualidade do corpo e corporeidade do espírito é falar da unidade do ser humano, de sua valorização integral: o corpo que participa do milagre divino, o espírito que participa do milagre da carne. |

Referências

|BERRES, Liane. Corporeidade – Mulher – Poder. In: PINTO, Raquel Pena; PIRES, Sandra Maira; WEILER, Lucia (Orgs.) *Teologia Feminista: tecendo fios de ternura e resistência*. Porto Alegre: ESTEF, 2008.

DEIFELT, Wanda. O corpo em dor. Uma análise feminista da arte pictórica de Frida Kahlo. In: DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. *À flor da pele*. Ensaios sobre gênero e corporeidade. 2. ed. São Leopoldo: CEBI/EST/Sinodal, 2006.

DOURADO, Wesley Adriano Martins; LAUAND, Jean. “*Deuses no fogão*” – o corpo na visão de mundo de Adélia Prado. *Convenit Internacional* 13, 2013, p. 71. Disponível em: <<http://hottopos.com/convenit13/55-78JeanWesley.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

RIBEIRO, Ana Gabriela Antunes. Poesia em carne, sangue e esperma: erotismo e religiosidade na lírica de Adélia Prado. In: *Estação Literária Vagão*, vol. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL2Art11.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

²⁰ DEIFELT, 2006, p. 36.

SUSIN, Luís Carlos. O corpo, o espírito e a pessoa: o que pode ainda a teologia feminista. In: PINTO, Raquel Pena; PIRES, Sandra Maira; WEILER, Lucia (Orgs.) *Teologia Feminista: tecendo fios de ternura e resistência*. Porto Alegre: ESTEF, 2008.

TADA, Elton. *A Cruz do Corpo: Uma Proposta de Teologia da Literatura a partir de Paul Tillich e Clarice Lispector*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

TILLICH, Paul. *A coragem de ser: baseado nas conferências Terry pronunciadas na Yale University*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.